



Identidade e Branquidade – Conflitos no universo infanto-juvenil¹

Luciene Cecília Barbosa²

Doutoranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP

Resumo: Pretendemos com este trabalho focar alguns conflitos de identidade presentes no comportamento da personagem Gabriela (Carolina Oliveira) na telenovela “Páginas da Vida”, da autoria de Manoel Carlos, exibida pela Rede Globo de Televisão. A abordagem do tema na ficção abre a possibilidade do debate sobre os problemas existentes nas relações étnico-raciais no universo infanto-juvenil. Sobretudo, para a importância de estarmos atentos às diferentes formas de manifestação de preconceitos no comportamento das crianças e dos jovens.

Palavras chave: Identidade; Branquidade; ficção; realidade.

Introdução

A inserção da discussão de temas sociais nas telenovelas brasileiras é uma prática habitual entre muitos autores. O alcoolismo, a homossexualidade, a adoção, as necessidades especiais e o racismo, entre outros temas, representados na ficção, pautam a mídia e ganham espaço nas conversas no cotidiano das pessoas.

Recentemente, em duas tramas globais, “O Profeta”, do original de Ivani Ribeiro, adaptada por Thelma Guedes e Duca Rachid, e “Páginas da Vida”, do autor Manoel Carlos, saíram do racismo, quase sempre, representado na ficção por vilões, brancos, ricos e poderosos, para uma situação vivenciada por crianças de ascendência negra que renegam as suas origens. Desejo focar nessa análise alguns conflitos de identidade da personagem Gabriela (Carolina Oliveira), de “Páginas da Vida”. O comportamento racista da menina rendeu duras críticas ao autor global – de muitos especialistas em telenovela – em relação a uma suposta dose de exagero de um racismo tão exacerbado por parte de uma criança que na trama tinha apenas dez anos de idade.

Ao analisarmos o universo das relações raciais entre crianças e adolescentes, sobretudo, no espaço escolar, podemos afirmar, de acordo com as pesquisas realizadas sobre o

¹ Trabalho apresentado no VII encontro dos Núcleos de Pesquisa - NP Ficção Seriada.

² Doutoranda e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Jornalista e co-fundadora do Grupo Mídia, Etnia, Comunicação e Educação. Pesquisadora sobre as representações das relações étnico-raciais na teledramaturgia. E-mail: lucecil@ig.com.br



tema, que o preconceito racial, e, portanto, as práticas racistas, infelizmente, estão presentes no universo infanto-juvenil³. A pequena Gabriela é um reflexo do comportamento de sua mãe, Angélica (Claudia Mauro), que, por sua vez, está inserida numa sociedade moldada por preconceitos e estereótipos.

Autores como Lippman (1972), Bosi (1997) e Heller (1970), ao descreverem as armadilhas presentes na disseminação dos preconceitos nos advertem a respeito dos mecanismos utilizados na reprodução dos estereótipos de geração a geração, de modo que, a estigmatização negativa de um grupo em detrimento do outro se confunda com uma realidade “natural”, ou seja, desigualdades sociais e raciais, produzidas pela sociedade, são transformadas em obras do acaso ou produtos da natureza. “O estereótipo, de fato, pode ser tão consciente e autorizadamente transmitido, em cada geração, de pai para filho que quase parece um fato biológico”. (Lippman, 1972: 158)

Um dos motivos de críticas de alguns pesquisadores acadêmicos⁴ sobre as representações das relações étnico-raciais na teledramaturgia é, justamente, que, as personagens racistas são sempre reservadas aos vilões. Sabemos que a telenovela é uma obra de ficção e não tem a obrigação, do ponto de vista teledramatúrgico, de inserir temas sociais em suas tramas. No entanto, quando o assunto em pauta é os diversos tipos de preconceitos, é preciso ser, minimamente, cauteloso, pois, se a telenovela não tem o dever de educar, não pode reforçar os estereótipos e os preconceitos já enraizados na nossa sociedade.

Em “Páginas da Vida” o autor abordou a manifestação do racismo “na pele” de uma criança. A inclusão desse tema abre a possibilidade de reflexão sobre as relações étnico-raciais no cotidiano infantil. Sobretudo, para a importância de estarmos atentos as diferentes formas de manifestação de preconceitos no comportamento dos jovens e crianças. O debate em torno dessa questão torna-se oportuno no momento em que há uma discussão em todos os níveis do Ensino no Brasil para atender a Lei Federal

³ Entre vários trabalhos publicados sobre o tema podemos destacar “Superando o Racismo na Escola”, organizado por Kabengele Munanga, e, do “Silêncio do Lar ao silêncio escolar” de Eliane Cavalleiro, a pesquisadora analisa diversas situações de racismo vivenciadas por crianças negras na educação infantil.

⁴ Couceiro (1995); Araújo (1999); Barbosa (2002).



10.639/03⁵, que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos escolares.

Nessa breve reflexão nos apoiaremos nos conceitos de racismo e branquidade. Munanga (2004) define o racismo como a crença na suposta hierarquização das chamadas “raças” humanas pela relação intrínseca, entre, o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. Já o conceito de branquidade, de acordo com Frankenberg (1995), “é o ‘lugar’ simbólico que o branco ocupa nas relações raciais em detrimento dos outros, onde a hierarquia racial nunca é questionada ou verbalizada.”

Discutir as relações étnico-raciais a partir dos comportamentos pautados pela branquidade é uma maneira de repensar e questionar a construção ideológica do “ser branco”. É comum pensar a discussão racial como um problema exclusivo do negro, ora, vivemos em um país multirracial, portanto, enfrentar a questão é tarefa de todos que compõem a sociedade.

Dentro da perspectiva desta reflexão, branquidade pode ser entendida a partir da representação do branco como modelo universal de humanidade. Este comportamento tem relação direta com a idéia do colonizador europeu que se considerava referencial pleno do “ser” humano, e, na tentativa de explicar as diferenças entre os grupos humanos, desencadeou uma série de justificativas preconceituosas e racistas.

Os estudos sob o enfoque da branquidade procuram responder algumas indagações como: Por que questionar um grupo que historicamente e culturalmente foi estabelecido como o normal? Como questionar o modelo através do qual julgamos todos os “outros”? O belo/ o feio, o bom/ o ruim, o inteligente/ o preguiçoso, aquele que nasceu para mandar/ aquele que nasceu para obedecer.

A partir de uma análise em torno das pesquisas acadêmicas podemos concluir que a branquidade e a negritude são realidades decorrentes do processo histórico. A

⁵ O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. É o reconhecimento da História dos africanos e afro-brasileiros que foram e são imprescindíveis na construção da História deste País. Desde de 2003, fazemos parte de vários grupos de consultoria educacional da Lei 10.639/03 que oferecem curso de formação aos educadores para que possam trabalhar com a questão racial no espaço escolar.



construção ideológica do branco europeu como modelo universal de humanidade desencadeou uma série de discriminações em relação aos não-europeus.

Não é possível falar em relações étnico-raciais tomando como ponto de partida apenas o comportamento do negro. É necessário entender e considerar em que se pauta o sentimento de superioridade do branco, pois, se existe o discriminado, é óbvio que existe o discriminador. Apesar disso, há poucos registros de estudos dando a ambos, negros e brancos, a mesma importância no processo de superação da desigualdade racial.

Na perspectiva de questionar essa suposta superioridade “branca”, utilizamos o conceito de branquidade, que, justamente questiona a construção ideológica do “ser branco”. Os estudos que enfocam a branquidade problematizam o papel do branco e a construção da identidade branca nas relações binárias negro/branco. O objeto de análise das relações raciais deixa de ser somente o negro, e, passa a incluir, fundamentalmente, o comportamento do branco.

Os estudos sobre as relações étnico-raciais, a partir do enfoque aqui apresentado, nos auxiliam a focalizar e compreender o problema bilateral das relações entre negros e brancos. O desafio é reformular não apenas as imagens que temos uns dos outros, mas também, e, principalmente, de nós mesmos.

Atuar sobre um poder, por vezes mais simbólico do que real, sobre crenças de supremacia branca, sobre valores “neutros” e “transparentes” é um esforço igual ou talvez maior do que o que se despende para apagar das mentes de pessoas discriminadas as marcas do preconceito, do medo, da insegurança e da desigualdade. (Piza, 2002:72)

Identidade e Conflitos

No decorrer da telenovela fica evidente que Gabriela vivencia uma crise de identidade, porque afinal é notória e visível a sua rejeição em relação à sua ascendência negra, inclusive isso é enfatizado durante a trama por seu pai, Lucas (Paulo César Grande). Em uma das cenas quando Gabriela recusa-se a ser atendida por um enfermeiro negro, o pai a repreende e afirma que sua mãe, portanto, a avó da menina, era negra como Selma (Elisa Lucinda), a madrasta rejeitada. No meio da conversa, ela se diz ofendida com a



declaração do seu pai. Ou seja, como ocorre, muitas vezes, na vida real, ser negro ou afrodescendente pode ser sinônimo de ofensa e/ou inferioridade.

Ao retornarmos às cenas protagonizadas pela personagem Gabriela, percebemos o quanto as explicações para seu comportamento repousam no racismo difundido, há séculos, como pseudoteorias científicas. A recusa pela madrasta, simplesmente, pelo fato dela ser negra, chega à beira do patológico⁶. Durante a trama há várias menções das personagens que relacionam a conduta da garota à doença. O comportamento da personagem é sintomático de um imaginário inflado pela branquidade.

Diante dos relatos da História oficial podemos constatar que há uma propagação da ausência de uma memória positiva em relação ao negro e à África, perpetuando-se, cada vez mais, uma memória (coletiva) repleta de dados incorretos. Tal afirmação reforça-se nas palavras de Le Goff ao abordar a relação entre memória e poder.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1990: 426)

Ao nos remetermos aos mecanismos do processo de dominação utilizados pela sociedade colonial, podemos afirmar que estes destroem e comprometem a formação das identidades. A disseminação de estigmas negativos reforça a idéia de superioridade de um grupo em detrimento do outro. Em contrapartida, a identidade de um grupo se constrói e se mantém através da inferioridade do “outro”. Portanto, o discriminado tanto quanto o discriminador são vítimas de uma armadilha, pois, os considerados “modelos” possuem a “ilusão” de uma suposta superioridade. É o caso da nossa personagem na ficção, que, juntamente, com a sua mãe – sob a crença pautada pela branquidade – acredita ser superior em relação à madrasta negra.

⁶ Guerreiro Ramos, na década de 50, escreveu sobre o comportamento patológico do branco brasileiro, que não é reconhecido como branco de acordo com os critérios europeus. No entanto, mesmo quando tem um tipo físico brasileiro, procura, desesperadamente, por seus antepassados europeus, enquanto, cria um silêncio em torno de sua ascendência negra.



O comportamento de Gabriela nos permite repensar algumas questões sobre a relação entre a identidade e o pertencimento. Como não desejar fazer parte de um grupo que foi e continua sendo colocado como paradigma estético e cultural? Quem deseja se identificar com o que é considerado ruim? As questões do pertencimento e da identidade estão ligadas diretamente a auto-estima e memória coletiva de um povo.

O pertencimento a um grupo simbolicamente, privilegiado, traz mais vantagens do que pertencer a um grupo que é historicamente estigmatizado de forma negativa. Gabriela é uma mestiça, mas prefere assumir apenas as origens advindas da sua mãe, que é de uma família branca.

A discussão em torno da identidade nos remete a relação entre o “eu” e o “outro” do ser e não ser, do pertencimento e da identificação. Autores como Stuart Hall (2001) e Silva (2000), trabalham e discutem a identidade a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Stuart Hall enfatiza que a identidade é resultado de um processo, sobretudo, histórico.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo (...). Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser visto por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus (Stuart Hall, 2001: 39)

A reflexão em torno das formações das identidades nos aponta uma outra questão – a diferença. Segundo Silva, a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas.

(...) as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. “Nós” e “eles”, por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é aqui privilegiado. (Silva, 2000: 83)

O processo de identificação com um grupo, o reconhecimento da identidade, é sempre um processo marcado pela diferença, definido pela inclusão e exclusão, pois, quando eu afirmo o que eu sou deixo subentendido o que eu não sou. Ao afirmar: Sou negra – me incluo e me identifico com um determinado grupo. Quer dizer que eu não sou branca. A afirmação e a negação caminham juntas, assim como a identidade e a diferença.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer



distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. “Os pronomes “nós” e “eles” não são aqui simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder”. (Silva, 2000: 82)

Estamos numa sociedade multirracial e a “cor” denota privilégios. Os meios de comunicação de massa sinalizam para esta constatação. A televisão, no Brasil, por exemplo, estabeleceu um padrão de beleza que se aproxima muito mais do europeu do que, de fato, do brasileiro. Ainda que, no Brasil, se mantenha um discurso enaltecendo a miscigenação racial, há uma participação significativa do branco, nas mídias, em detrimento dos não-brancos.

Em um artigo que aborda a representação das relações raciais e os meios de comunicação, Sovik, parte do princípio de um suposto “consenso inicial em que ser branco exige pele clara, feições européias, cabelo liso; que ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro”. (Sovik, 2004: 366)

Ao analisarmos os meios de comunicação nos defrontamos com a homogeneização de um único padrão estético e cultural, que quase nunca é questionado. O fato dos brancos estarem presentes de forma desigual, quantitativamente, nas mídias, sequer causa questionamento, já que este é considerado o modelo ideal.

Para Couceiro de Lima (2006), a mídia reforça os preconceitos e estereótipos em relação aos negros e à África. A autora cita como exemplo uma propaganda de uma marca de maionese, sob o slogan “Com Hellman’s até canibal vira vegetariano”, que ilustra essa situação. No comercial, assistimos um homem branco encontrar um grupo de canibais que iria devorá-lo. No entanto, ao apresentar aos negros “selvagens” o paladar da maionese, foi salvo pelo papel “civilizador” do produto. Após a descoberta, todos comemoraram ao saborear a maionese numa folha de alface.



Considerações Finais

A demarcação dos espaços identitários é, antes de tudo, uma postura política e ideológica. A formação da identidade do indivíduo não está alheia às influências históricas e culturais, do contexto no qual ele encontra-se inserido. Portanto, a memória coletiva e individual é parte integrante desse processo. A difusão e solidificação dos comportamentos pautados pela branquidade servem como garantia de privilégios, poder e dominação. As pesquisas sob este enfoque “quebram” o pacto do silêncio e problematizam a posição do branco nas discussões das relações raciais.

Sob a égide do mito da democracia racial, propagou-se a idéia de numa nação onde todos são iguais – mestiços – portanto, não há desigualdade racial. A miscigenação é um fato, inegável, mas esse fator biológico não impediu a existência do racismo no Brasil.

De acordo com autores como Stuart Hall e Silva, podemos afirmar que a identidade de um indivíduo está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento e só há pertencimento quando há identificação, e, dificilmente, alguém, sobretudo, a criança e o adolescente, deseja se identificar com o que é considerado inferior ou ruim. A postura da personagem Gabriela na ficção nos faz refletir e nos traz a certeza, na vida real, da importância da implementação da Lei 10.639/03, citada nesse texto. A proposta da lei nos propicia a revisitar e questionar a nossa História com os seus silêncios e os seus esquecimentos na expectativa, que, em um futuro bem próximo os afrodescendentes se reconheçam como tal e não tenham vergonha das suas origens, ao contrário, que sintam orgulho e compreendam a relevância do povo negro na construção da História do Brasil.

Para finalizar desejamos ressaltar que esta breve reflexão restringiu-se apenas há alguns aspectos da identidade da personagem Gabriela. O estudo das demais personagens e de outros aspectos da trama terá continuidade em minha pesquisa de doutorado realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. A telenovela “Páginas da Vida” possui elementos importantes para se fazer uma análise com diversas possibilidades de leituras em torno das relações raciais, uma vez que, os conflitos presentes na ficção permeiam a nossa realidade.

Referências Bibliográficas



ARAÚJO, Joel Zito. *A Negação do Brasil. O Negro na Telenovela Brasileira*. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

BARBOSA, Luciene Cecília. *Louca Paixão: Questões Raciais na Telenovela sob o olhar do receptor*. Dissertação de Mestrado na Escola de Comunicações e Artes; Universidade de São Paulo, 2002.

BOSI, Ecléa. *A Opinião e o Estereótipo*. Revista Contexto, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos S. “*Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*”. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COUCEIRO DE LIMA, Solange M. *Os Estudos do Negro no Brasil: Um esboço Histórico*. Intercom 95, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1995.

_____, Solange M. *até canibal vira vegetariano*. Revista USP, São Paulo: n. 69, 44 – 59, março-maio, 2006.

FRANKENBERG, Ruth. *The construction of white women and race matter*. Minneapolis University of Minnesota Press, 1995.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP& A editora, 2001.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 7ª ed. São Paulo. Paz e Terra, 2004.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas-SP, Unicamp, 1990.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, CH. São Paulo, Cultrix, 1972.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade Etnia*. São Paulo. 2004.

PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 2002.

RAMOS, Arthur G. "Patologia Social do Branco Brasileiro"; "O Negro Dentro"; "Política de relações de Raça no Brasil" In *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, Rio de Janeiro: Andes, 1957.



SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção social da identidade e da diferença. In: Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOVIK, LIV. Aqui ninguém é branco: Hegemonia branca e mídia no Brasil. In: Ware Vron (organizadora): *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

Documento

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasil. Ministério da Educação - MEC. Brasília - DF, 2005.